

RESUMO - 01. EPISTEMOLOGIAS CRÍTICAS E ENFRENTAMENTOS À VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA POLÍTICA E NA ACADEMIA| HÍBRIDO

CADEIRAS VAZIAS: MULHERES NEGRAS E O DESAFIO NA POLÍTICA

Ellen Mariana Assis Rocha (ellenmarianaassis@gmail.com)

Maria Da Luz Alves Ferreira (maria.ferreira@unimontes.br)

Fabiana Leite (fabiana.oliveira.leite@gmail.com)

A ausência de mulheres negras na política não é simples acaso, trata-se de mecanismo de desigualdade que se manifesta nas dimensões simbólica, racial e de gênero, operando de maneira interdependente. Nesse sentido, o presente estudo objetiva analisar a exclusão de mulheres negras no espaço político, tomando por base as obras de Carneiro (2009), Collins (2024) e Silva (2022), buscando compreender como essa exclusão é sustentada enquanto manifestação do epistemicídio. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa, a qual permite examinar os fenômenos sociais a partir de suas contradições históricas.

Conforme argumenta Sueli Carneiro (2009) a política institucional, marcada por uma lógica colonial, não foi projetada para incluir as mulheres negras como sujeitos ativos. Pelo contrário, além de promover a expulsão, há uma intensa tentativa de repelir sua existência. A falta de mulheres negras nos espaços de decisão não é apenas numérica, mas simbólica: o poder, no Brasil, está ancorado em um imaginário colonial que associa autoridade e liderança à branquitude e à masculinidade. Nesse cenário, a mulher negra é

sistematicamente reduzida à condição de objeto social e não como sujeito político com capacidade de representar o coletivo.

Neste panorama, Collins (2024) sustenta que as mulheres negras estão na base da precariedade econômica, da violência, da marginalização e da invisibilidade institucional, seja figurando como sujeitos ativos ou passivos. Em outras palavras, a ausência de mulheres negras na política não configura uma simples omissão, mas sim o resultado de uma violência estrutural que incide sobre seus corpos, suas trajetórias e suas possibilidades de existência pública.

A exemplo desta conjuntura, Silva (2022), em seu relato sobre a vida política, descreve os múltiplos níveis de violência que enfrentou ao longo da história: o racismo cotidiano, o machismo político, a desconfiança institucional, a resistência das elites. Sua experiência se pautou em resistência e força na tentativa de ser visualizada por um poder institucional que a ignorava, ainda assim, ela emergiu como uma das figuras políticas mais emblemáticas da luta popular brasileira, sendo a primeira mulher negra a se tornar senadora e governadora de estado no país.

Em diálogo, as autoras constroem caminhos para o debate do ambiente das mulheres negras na política. Carneiro (2009) denuncia o lugar de ausência simbólica e interpela os movimentos sociais a reconhecerem seus próprios limites. Já Collins (2024), além de auxiliar a compreender como a violência estrutural é naturalizada e como ela pode ser desmontada, instiga a buscar uma inclusão fora dos moldes tradicionais. Por fim, Silva (2022) testemunha o enfrentamento cotidiano às barreiras institucionais, sem desistir de afirmar sua identidade e sua origem como fonte de legitimidade e resistência.

Conclui-se, que falar sobre a ausência de mulheres negras na política é evidenciar um projeto de exclusão sistemática. Trata-se de reconhecer que os espaços de poder foram historicamente moldados para excluir essas existências e que, mesmo quando conseguem ocupar espaços, elas não são toleradas, mas combatidas. Neste sentido, enquanto resistem, elas rompem o silêncio e promovem a reinvenção do sentido da política no Brasil.

Palavras-chave: gênero; raça; política.